



**TÍTULO DE LA TESIS DOCTORAL:** Os desafios da autonomização - Estudo compreensivo dos processos de transição para diferentes contextos de vida, na perspetiva de adultos e jovens adultos ex-institucionalizados

**AUTOR:** João Pedro Gaspar, gasparjp@gmail.com

**UNIVERSIDAD:** Universidad de Coimbra. Facultad de Psicología e Ciencias de la Educación

**FECHA DE DEFENSA:** 15 de febrero de 2014

**DIRECTOR:** Doutor Joaquim Luís Alcoforado y Doutor João Eduardo Ribeiro Santos

**URL:** <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/25245>

### **RESUMEN DE TESIS DOCTORAL**

Em Portugal, algumas crianças e jovens em risco, referenciadas pelas comissões de proteção, podem ser encaminhadas para acolhimento. Na esmagadora maioria dos casos, trata-se de uma institucionalização, em que os menores são deixados aos cuidados de Lares de Infância e Juventude ou Centros de Acolhimento Temporário. Nos últimos anos o número de crianças e jovens nesta situação ronda os nove mil, sendo que mais de 90% regressa ao meio natural de vida.

Procura-se neste estudo aferir os contornos da condição das crianças e jovens em situação de acolhimento institucional, construindo uma caracterização detalhada dessa população, bem como da sua distribuição pelas várias respostas sociais de intervenção, nos últimos anos em Portugal. Nele discute-se o levantamento da realidade do país, comparativos internacionais e também a evolução da legislação a partir de uma perspetiva histórica. Numa vertente compreensiva, promove com particular incidência a análise a dois Lares de Infância e Juventude da região Centro de Portugal, procurando



caracterizá-los, compreendendo a sua origem, organização, financiamento e outros aspetos relevantes para o seu funcionamento.

A investigação centra-se nas transições para os contextos de vida (social, profissional, familiar) de adultos e jovens adultos que viveram um longo período de tempo em casas de acolhimento para crianças e jovens em risco, de acordo com as suas perspetivas. Pretende-se assim compreender a perceção que os ex-acolhidos têm da relação entre o apoio e a formação que lhes foi proporcionada enquanto institucionalizados e o eventual contributo dessas competências na sua posterior integração, dando seguimento ao processo de autonomização.

A estrutura pretende articular a teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner com modelos de transições (com especial incidência em Schlossberg), majorando a influência das vinculações criadas por crianças e jovens institucionalizados com cuidadores e entre os pares. Procura-se aferir a importância que os vínculos desenvolvidos antes, durante o período de institucionalização e após este, tiveram enquanto interações seguras - com base na sua perceção dos momentos de vida mais marcantes -, e da importância daqueles para aumentar a resiliência e competir para a sua integração social.

Para atingir os objectivos propostos, este trabalho teve por base uma metodologia qualitativa, baseada, predominantemente, em entrevistas semi-estruturadas, aprofundadas de forma a proporcionarem descrições detalhadas das diferentes experiências pessoais e sociais, a ex-acolhidos de duas instituições da região Centro.

Para uma visão mais abrangente entendeu-se que seria oportuno ter uma leitura dos principais resultados obtidos, por parte de profissionais envolvidos na problemática das crianças e jovens em risco - nomeadamente as acolhidas institucionalmente. Para esse efeito, recolheram-se opiniões individuais de doze técnicos operacionais de diversas entidades envolvidas na temática em análise. Procurou-se alargar o leque dos *players* envolvidos, abrangendo uma dezena de entidades - tuteladas por quatro Ministérios - e profissões muito díspares, tentando que as opiniões emanadas espelhassem reflexões pessoais, fugindo à vinculação da entidade à qual pertencem, antes defendendo o ponto de vista de quem está no terreno e tem uma visão muito próxima das problemáticas em análise.

Dos resultados obtidos da amostra utilizada, entre adultos e jovens adultos envolvidos, infere-se haver impreparação e falta de dedicação por parte de grande parte dos cuidadores, sendo esse um fator determinante no processo de preparação para a autonomização.

Das conclusões alcançadas surge a ideia da urgência em implementar programas de formação aos cuidadores (funcionários, técnicos e diretores), que visem assegurar uma

promoção da qualidade do acolhimento e do desenvolvimento de competências nos menores, essenciais para uma autonomização que se traduza numa transição favorável.

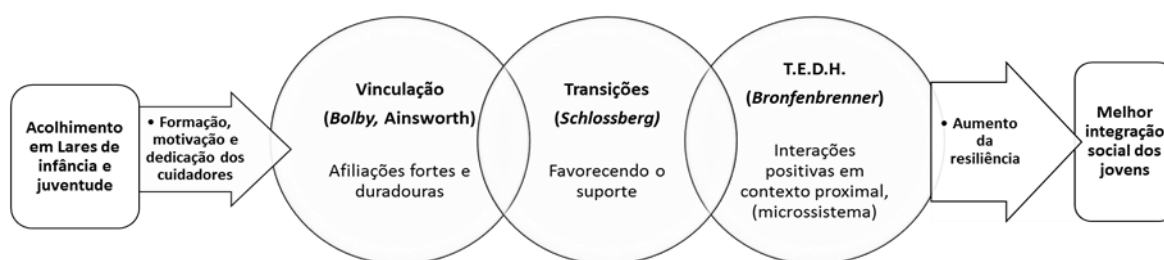
Entende-se, ainda, que para minimizar o impacto da institucionalização, são necessárias políticas convergentes e que abranjam diversos sectores governamentais, diminuindo a desresponsabilização social.

A discussão geral de uma investigação tenta encontrar um entendimento assimilador da globalidade das conclusões alcançadas no seu desenrolar. A triangulação dos diferentes estudos aqui indicados, poderá fornecer-nos resultados importantes sobre o estado atual do acolhimento institucional, bem como da perceção de quem usufruiu desta resposta social e está hoje a viver em autonomia.

É essencial lembrar que se procurou compreender, na perspectiva de jovens adultos que viveram acolhimentos institucionais, as transições ao longo dos diversos espaços e tempos das suas vidas, bem como entender factores que contribuíram para uma integração bem sucedida.

Os resultados remetem-nos para uma reflexão sobre crianças que, em algum momento das suas vidas, foram levadas para uma instituição e por lá ficaram durante muito tempo, em alguns casos cerca de 20 anos, e em muitos, mais de uma década. A separação da família teve várias causas, constituindo a falta de cuidados parentais adequados a esmagadora maioria. A esperança de voltarem para o seu meio familiar esteve quase sempre presente, embora o horizonte temporal se fosse adiando, na maior parte dos casos indefinidamente.

Podemos concluir que esta investigação se desenvolveu de acordo com as teorias já existentes, mostrando que é importante criar mecanismos que aumentem a vinculação, fomentando interações proximais positivas (microsistema), favorecendo o suporte nas transições ocorridas ao longo da vida, potenciando maior resiliência e consequente integração social nos jovens que viveram vários anos acolhidos em lares de infância e juventude. O esquema seguinte traduz em grande parte a perceção recolhida dos jovens adultos inquiridos neste estudo, articulando-a com o suporte teórico que lhe serviu de base.



Esquema síntese das conclusões

As questões discutidas e os dados analisados atingem uma pluralidade e heterogeneidade que dificulta a formulação de uma conclusão que abranja os diferentes estudos que constituem este trabalho. Ainda assim, assumem-se algumas formulações

que podem ser vistas como orientações no sentido de melhorar o acolhimento institucional de longa duração em Portugal, tendo em consideração a sua importância para uma transição favorável no contexto da autonomização:

- A saída da família natural para o acolhimento institucional é, muitas vezes, vista pelos próprios, como uma punição. Em diversas ocasiões nunca chegam a perceber o motivo que originou tal penalização. Daí a suprema importância de conexões de confiança com adultos de referência que consigam “desconstruir” estas perceções.
- A separação de fratrias ainda acontece com relativa frequência, mas só será admissível em casos extremos, pois os vínculos familiares são já reduzidos, e o facto dos irmãos se manterem unidos ajuda-os a dividir o “fardo” da separação familiar, além de serem um amparo no médio e longo prazo.
- Ninguém pode substituir a casa dos pais, imperfeita, mas genuína. No entanto, as instituições de acolhimento de menores devem assumir uma função supletiva face ao exercício do papel parental, que não aspiram substituir, mas coadjuvar.
- Todos os seres humanos precisam de atenção, e os menores institucionalizados, fruto de vivências anteriores, necessitam, em algumas ocasiões, de se sentirem únicos e especiais, cabendo aos cuidadores proporcionar-lhes essa sensação, a espaços, e conseguir anular o estigma que carregam, elucidando que todos somos únicos entre iguais.
- Os cuidadores devem ter a capacidade de absorver a revolta exteriorizada, proporcionando relações afetuosas, securizantes e sólidas. Estes profissionais são fulcrais na transição para o acolhimento, funcionando como “porto de abrigo” a crianças “arrancadas” às famílias e colocadas num espaço estranho, com desconhecidos. Mas são-no igualmente na preparação para a saída, pois os menores podem encontrar na estabilidade das relações com os adultos de referência, um fator de proteção acrescido, potenciando o processo resiliente (Matos, 2003), tão fundamental no contexto de autonomização.
- Analisando a preocupação evidenciada por não terem “aprendido” a ser pais - a família biológica não podia ser uma referência e a instituição de acolhimento não desempenhou cabalmente esse papel - salienta-se a enorme vontade de ser bons progenitores. Será por isso importante desenvolver um trabalho de promoção parental com os jovens acolhidos, para suprir esta lacuna e tentar minimizar alguma predisposição para situações de continuidade na negligência.
- As instituições de acolhimento são vistas pelos jovens adultos como tendo uma atribuição fulcral no seu desenvolvimento, e foram capazes de satisfazer as necessidades básicas que as famílias biológicas não asseguravam de forma cabal (alimentação, habitação, higiene e educação), embora nem todos vejam a institucionalização como um ponto de paragem num percurso de delinquência. Para alguns não foram



suficientemente “afastados os perigos”. Quase todos entendem que o acolhimento proporcionou um percurso académico e profissional melhor do que aquele que teriam no ambiente de origem.

- Com um bom entendimento entre as instituições de uma mesma área geográfica, seria interessante a criação comum de uma casa de acolhimento inicial e outra de preparação para a autonomização, onde na primeira estariam as crianças na fase inicial da institucionalização, com cuidados e “carinhos redobrados”, enquanto a segunda serviria como um “estágio de autonomização”, preparando intensivamente para uma vida independente.

- Há uma multiplicidade de entidades, tuteladas por diversos ministérios e envolvendo áreas disciplinares abrangentes, que conseguiriam desenvolver um trabalho mais profícuo e acima de tudo mais proveitoso para os principais visados da sua intervenção, caso fossem criados mais momentos de partilha e reflexão. O encadeamento com as causas a montante e os efeitos a jusante traz vantagens, desde logo por proporcionar uma visão integradora e permitir aos diversos *players* entender a causa para as suas limitações de atuação, bem como articular soluções que só podem acontecer com o contributo e conhecimento do real funcionamento de outras entidades/instituições envolvidas.

- Sendo o acolhimento institucional a resposta social de referência para as crianças e jovens em risco, as casas que os acolhem por longos períodos de tempo devem ser equipadas e qualificadas, ao nível das direções, dos técnicos e dos cuidadores em geral. Trata-se da dimensão indicada como fundamental pelos intervenientes nesta pesquisa - bem como em estudos nacionais e internacionais anteriores -, e capaz de melhorar significativamente as suas funções principais: acolher, educar e preparar para a vida adulta.

- Generalizar na abordagem à temática do acolhimento institucional torna-se difícil, pois embora se tente descortinar um “padrão” nas crianças e jovens acolhidos, há sempre que contar com as vicissitudes individuais que, enquanto seres humanos, nos torna únicos. Da mesma forma, cada instituição é diferente. Tem o seu projeto educativo, a sua genética e proporciona apoios diferenciados. A perceção dos jovens adultos intervenientes neste estudo, corroborada pelo investigador - enquanto colaborador em quatro realidades distintas -, confirma-o, pois há demasiados fatores que as podem diferenciar, como se cada uma assumisse o seu destino, com vontade própria, baseada em dinâmicas externas e em determinações coletivas internas. Apesar de haver muitos pontos em comum, cada interveniente neste estudo tem uma perceção diferente do significado da sua passagem pelo acolhimento institucional, naturalmente influenciada pelo suporte familiar, relações com os cuidadores, características pessoais, etc.

Fica a esperança fundada na vontade demonstrada pelos ex-acolhidos intervenientes, na luta constante por não se resignarem e procurarem ser melhores do que as representações negativas que têm de algumas figuras do seu passado - familiares, técnicos ou até pares que se deixaram cair na delinquência, na vida errante ou mesmo na marginalidade. Muitos

afirmam sentir-se mais fortes por terem conseguido ultrapassar as dificuldades que a vida lhes criou, notando-se mesmo um certo orgulho pelo amadurecimento pessoal que obtiveram na construção de uma identidade da qual se vangloriam.